

A PRIMAVERA ÁRABE E AS REDES SOCIAIS:

O uso das redes sociais nas manifestações da Primavera Árabe nos países da Tunísia, Egito e Líbia

Jaqueline Zandona Bartkowiak¹, Thatiane de Almeida Fonseca², Gabriel Motta Mattos³ e Vitor Henrique do Carmo Souza⁴

Resumo

Este estudo trata sobre a Primavera Árabe e as redes sociais, sendo este, um evento em que o *Facebook*, *Twitter*, e *Youtube*, foram uma das principais ferramentas utilizadas para disseminação de informações em um período de reivindicações políticas, econômicas e sociais, dessa forma a pesquisa foca em apenas três países: Tunísia, Egito e Líbia, que foram alguns dos principais Estados que alcançaram visibilidade e destaque no cenário internacional. O tema levantado propõe que, através do uso da internet e das redes sociais foi possível organizar movimentos populares em oposição ao autoritarismo nos Estados em questão, e de forma que foi possível cessar alguns governos ditatoriais que eram supostamente intransigentes. Tal ideia surgiu com a finalidade de entender o anseio reprimido que a população árabe tinha de exonerar ditadores do poder e de que forma elas conseguiram dissipar as informações domésticas para o mundo inteiro através do uso das redes sociais, de forma direta e sem a intervenção das mídias tradicionais. As informações foram coletadas através da análise de conteúdo e o estudo foi feito através de uma análise quantitativa e comparativa. Ao fim, atingindo todos os objetivos propostos, constata-se a relevância e importância do estudo da utilização das redes sociais no período em que ocorreu a Primavera Árabe, uma vez que, a transposição geográfica de tais informações com a utilização de tal ferramenta potencializou a ação dos movimentos políticos, organizados pela sociedade civil, nas manifestações ocorridas.

Palavras-Chave: Primavera Árabe – Redes Sociais – Tunísia – Egito – Líbia.

Abstract

This study deals with the Arab Spring and social networks, which is an event that Facebook, Twitter and Youtube, were one of the main tools used to disseminate information in a period of political, economic and social demands, thus, Tunisia, Egypt

¹Graduada em Relações Internacionais da PUC Minas.

²Graduanda em Relações Internacionais da PUC Minas.

³Graduado em Relações Internacionais da PUC Minas.

⁴Graduando em Relações Internacionais da PUC Minas.

and Libya that are one of the main countries that have achieved visibility and prominence on the international scene. The issue raised, proposes that, through the use of the Internet and social networks was possible to organize popular movements opposed to authoritarianism in the States concerned, and so it was possible to stop some dictatorial governments that were supposedly intransigent. This idea came about in order to understand the repressed desire that the Arab population had to remove dictators from power and how they managed to dispel the domestic information to the whole world through the use of social networks, directly and without the intervention of traditional media. The information was collected through content analysis, and the study was done through quantitative and comparative analysis. In conclusion, one can notes the relevance and importance of the study of the use of social networks in the Arab Spring period, as the geographical transposition of such information with the use of this tool have potentialized the action of political movements, organized by civil society, the manifestations occurred.

Keywords: Arab Spring – Social Networks – Tunisia – Egypt – Libya.

Introdução

A globalização vem transformando o mundo e as relações internacionais. Com métodos inovadores de comunicação vieram novas maneiras de se pensar e fazer política, reivindicar e se manifestar e compartilhar ideias. O caráter transnacional das redes trouxe para os atores internacionais uma nova maneira de agir. A importância desta pesquisa para o campo das Relações Internacionais é que com a crescente globalização nas últimas décadas, vê-se que tanto a Política Doméstica quanto a Política Externa de um Estado são cada vez mais interconectadas. No que diz respeito aos efeitos que essas podem gerar no Sistema Internacional, percebe-se a relevância de atores não estatais no cenário Internacional. O ponto de início dessa pesquisa é o questionamento de como o uso das redes sociais possibilitou a organização de ocorrências e eventos de abrangência transnacional, promovidas por movimentos sociais, denominado como Primavera Árabe.

Os acontecimentos, no Oriente Médio e no Norte da África, que ocorreram a partir de 18 de dezembro de 2010, foram denominados de Primavera Árabe. Nessa pesquisa reúnem-se dados que apontam o que aconteceu em um curto período de tempo, com o foco em três principais países; Tunísia, Egito e Líbia. As revoltas aconteceram sequencialmente, em efeito dominó – na Tunísia, teve início em dezembro de 2010; no Egito, em janeiro de 2011; e na Líbia, fevereiro de 2011(JOFFÉ, 2011).

Foi formada uma ágora virtual, onde a sociedade civil pode trocar informações e compartilhar suas indignações e desejos. As redes sociais foram usadas para além de seus propósitos, pois o *Twitter*, o *Facebook* e os blogs não tinham como propósito levantar a indignação política popular. Porém, como estes são meios de comunicação, onde se conectam pessoas de diversos países, estão propensos a reunir afinidades de todas as proporções e na Primavera Árabe acabou tornando-se o principal meio de se fazer política.

Este artigo orienta-se sob a perspectiva do Construtivismo, aqui definida por Adler (1999) e com perspectivas relacionadas a Identidade, Cultura e Estrutura definidas por Alexander Wendt (1999), somado a teoria dos movimentos sociais e a teoria e o modelo de redes. Partindo da premissa que as redes tem o caráter transnacional, o artigo apresenta como o movimento da Primavera Árabe teve como principal meio de disseminação das manifestações a rede social, pois esta foi fundamental para a eclosão do movimento. Além da teoria de redes, o construtivismo é usado para se interconectar a identidade das sociedades no nível doméstico e no nível sistêmico. A teoria dos movimentos sociais traz um maior entendimento sobre a necessidade da sociedade civil de se unir e disseminar as suas demandas por mudanças. Através destas teorias iremos mostrar como que as redes sociais foram um dos instrumentos utilizados durante os movimentos da Primavera Árabe, na medida em que estas transpuseram as fronteiras nacionais na difusão de informações de forma direta sem a intervenção das mídias tradicionais. Dessa forma, os manifestantes conseguiram coordenar e estruturar movimentos contestatórios aos regimes em que viviam, alcançando impacto a nível internacional e ampliando assim a margem de visão sobre o que ocorria nos Estados em questão - Egito, Líbia e Tunísia.

O questionamento desse artigo se deu origem na seguinte pergunta problema: como o uso das redes sociais possibilitou a organização de ocorrências e eventos de abrangência transnacional, promovidas por movimentos sociais, denominado como Primavera Árabe.

Primavera Árabe

Este capítulo irá apresentar as características da Primavera Árabe, nos países da Tunísia, Egito e Líbia, mostrando quando as revoltas começaram e apresentando os fatos que influenciaram para a sua eclosão.

A Primavera Árabe⁵ iniciou-se em dezembro do ano de 2010, com a manifestação do jovem tunisiano, Mohamed Boauzizi, que ao atear fogo em seu próprio corpo mostrou-se desesperado pela falta de oportunidade para os jovens de seu país. (TETHERED, 2014).

Os movimentos ocorreram em Estados do Norte da África e do Oriente Médio, e o foco da pesquisa será voltado para os Estados da Tunísia, Egito e Líbia. Entretanto as manifestações também foram sentidas em outros Estados da região, são eles: Argélia, Djibuti, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão, Saara Ocidental, Iêmen, Omã, Bahrein, Iraque, Jordânia e Síria (BIJOS; SILVA, 2013).

A Primavera Árabe não se trata de um evento breve ou de um caso isolado ocorrido por vontade de uma minoria insignificante; trata-se de um período de transformações históricas no âmbito da política mundial (TETHERED, 2014). As causas para o movimento foram semelhantes, porém os resultados desses movimentos assumiram singularidades em cada Estado. Os movimentos eram formados por manifestantes das mais diversas classes sociais, mas principalmente por adultos graduados que não tinham expectativa de conseguir um emprego e um futuro promissor (SANTOS FILHO, 2013).

Os movimentos sociais que se alastraram pelos Estados – Egito, Líbia e Tunísia, eram contestatórios aos Regimes Políticos repressores e ansiavam por transformações governamentais. Com isso, os manifestantes aclamavam por uma divisão de poderes de forma clara e democrática, para que houvesse maior participação popular (SANTOS FILHO, 2013). Para Joffé (2011), os regimes políticos dos Estados eram vulneráveis e frágeis aos movimentos sociais, pois os mecanismos de estabilidade adotados como forma de governança pelos Estados, nos quais os governos usavam de um jogo de concessões e surrupios de regalias à população. Isso acontecia porque tais regimes autocráticos não dispunham de recursos alternativos que só uma autocracia plenamente assumida tinha condições de manter.

Assim os Estados do Golfo, particularmente a Arábia Saudita, tinham a riqueza do petróleo como recurso para ‘comprar’ o descontentamento político, ou o capital simbólico ou cultural, tipicamente expresso através da mobilização formal do islão, os quais podiam ser usados para propugnar a legitimidade dos regimes (JOFFÉ, 2011, p. 92).

Por causa destas fragilidades nos regimes, os movimentos sociais encontram brechas e ganharam força e repercutiram na região (JOFFÉ, 2011).

⁵A origem do nome Primavera Árabe é porque após o inverno, a primavera é estação em que as flores renascem, assim a nomenclatura faz uma referência a mudança que esta revolução queria alcançar. Este nome também faz relação com a “Primavera de Praga”. Ambas as revoluções em que busca-se mudar regimes políticos. (BIJOS; SILVA, 2013).

Outro fator importante para entendermos os motivos que propalaram as manifestações na Primavera Árabe foi a situação econômica em que os Estados se encontravam. De acordo com Joffé (2011), a pobreza estava alcançando níveis alarmantes. No Egito, por exemplo, a taxa de desemprego chegava a 12% em 2010 e a alta dos preços dos alimentos e da energia gerou muito desconforto para a população. A alta do desemprego também gerou descontentamento, porque não havia perspectiva de um futuro promissor para os jovens que tinham acabado de se formar na universidade. A desigualdade social presente, nos Estados, também era uma característica latente na região, principalmente no Egito, como se verifica a seguir:

O índice de Gini do Egito, que mede as desigualdades no âmbito da riqueza, esteve estático entre 1992 e 2006, com um valor em torno dos 32, o que faz do Egito o nonagésimo Estado com maiores desigualdades do mundo, sendo que os 10 por cento do topo da população controla cerca de 27 por cento da riqueza nacional (CIA *apud, ibidem*, p. 88).

Outra característica de cunho econômico é o caráter rentista dos Estados no Oriente Médio. Um Estado rentista é aquele que não tributa a população com taxas e afins, pois sua renda é obtida através da exploração de um recurso específico (BRICHES *apud* SANTOS FILHO, 2013). Com isso, o Estado consegue apoio político da população, pois além de não cobrar impostos, concede benefícios sociais (ABU-TARBUSH *apud* SANTOS FILHO, 2013). Entretanto, o caráter rentista dos Estados, apresentado por Santos Filho (2013), não consegue mais prover os benefícios sociais concedidos à longo prazo, pois este modelo tornava a economia “[...] cada vez mais dependente da ajuda externa, sujeitos a injunções para alterarem seu mercado interno e reformularem suas instituições políticas” (SANTOS FILHO, 2013, p. 43).

Com a reformulação das instituições observa-se que os regimes políticos adotados nos Estados eram semelhantes, respeitando-se a variação dos Estados (SANTOS FILHO 2013).

Cria-se, assim, em alguns países, um espaço público controlado, assiste-se à formação de uma oposição consentida, vigora alguma liberdade de imprensa, toleram-se alguns movimentos sociais e organizações não governamentais, permite-se que algumas demandas e reivindicações possam ser levadas a cabo (*ibidem*, p. 43)

Daniel Brumberg (2002) observou uma forma de governo que foi classificada autocracia liberalizada. Essa forma de governo tornou-se um meio através do qual os regimes autocráticos protegiam o seu poder e que Joffé (2011) faz uso,

Brumberg designou esse tipo de regimes <<autocracias liberalizadas>>. Salientou que caracterizavam pela tolerância em relação à dissonância política e por serem não hegemônicos em termos de ideologias dominantes, uma vez que suas

elites governantes conseguem, através de malabarismos políticos, dominar as ideias concorrentes de modo a assegurar a continuidade do seu controlo como árbitros destes cenários políticos pluralísticos, controlo esse que não querem perder através de um processo de liberalização genuína. (BRUMBERG, *apud*, JOFFÉ, 2011, p. 92)

Brumberg (2002) também afirmou que esses tipos de arranjos políticos, observados nos Estados em questão, possuíam apoio da oposição, pois os benefícios eram mútuos. Assim a oposição e alguns grupos da sociedade possuíam um espaço político autônomo, tolerados até certo ponto para que as autonomias dos regimes não sofressem ameaça. Outra forma usada também por esses regimes era a manipulação das oposições, para “afastar alternativas genuinamente democráticas de modo a, simultaneamente, preservar a ilusão formal da democracia” (JOFFÉ, 2011, p. 92). O autor também afirma que a opção por uma liberalização política parcial foi uma escolha consciente adotada como maneira de autopreservação. Sendo assim, pode-se observar que os regimes políticos desses Estados tinham conhecimento da própria fragilidade que essas escolhas políticas possuíam. E, também, é possível perceber que na própria liberalização parcial, característica das autocracias liberalizadas, estava o caminho para a organização política da sociedade que posteriormente poderia levar a rebeliões. Isso se deve ao fato de que as liberdades concedidas tanto no aspecto político como para sociedade civil poderiam ser restringidas de acordo com o desejo dos regimes. Essas restrições foram muito observadas na última década, conforme salienta Brumberg (2002), o que pode ter sido um dos muitos fatores que levaram as revoltas da Primavera Árabe.

Joffé (2011) fez, também, uma breve descrição de algumas medidas aplicadas pelos Regimes autocrático-liberais. No Egito, Mubarak tolerou algum ou pouco pluralismo político e alguma liberdade para os meios de comunicação, mas a ameaça de repressão era constante. Na Tunísia, a família de Ben Ali desfalcou a economia e reprimiu todas as tentativas autônomas de expressão política que fossem alheias ao que fora definido por ela além de tentar dissuadir movimentos sindicais, ativistas de direitos humanos e, também, jornalistas juntamente com advogados que eram discordantes de sua autoridade. O autor também atesta que tais questões, ocorridas no Egito e na Tunísia não ocorreram na Líbia “devido à sinistra perfeição do sistema *Jamahiriya*.”⁶ (JOFFÉ, 2011, p. 94), uma vez que a Líbia nunca adotou

⁶Grande *Jamahiriya* Árabe Popular Socialista da Líbia. Termo cunhado por Gaddafi, normalmente traduzido como “estado das massas”. *Jamahiriya* sistema político, introduzido em 1973, dado que não tolerava qualquer concorrência à sua instituição de <<democracia popular directa>>, expressa através dos Congressos Populares de Base e dos Comitês Populares. Todos os líbios deviam participar nos Congressos, nos quais eram tomadas as decisões sobre todos os assuntos de política local, nacional e internacional. Delegados mandatados transmitiam as decisões ao Congresso Geral do povo, equivalente líbio do parlamento. Por seu turno, este órgão mandatava o Comité Geral do Povo. Tratava-se de um órgão designado pelo Congresso, e equivalia a um conselho de

o padrão de autocracia liberalizada típico dos outros Estados do Norte da África (JOFFÉ, 2011).

As Forças Armadas, em cada Estado, tiveram reações distintas às manifestações da Primavera Árabe nos três Estados. Entender como elas agiram é relevante para entender se as demandas da população foram atendidas ou não,

[...] as Forças Armadas, especialmente o Exército, tiveram papel importante nas lutas anticoloniais e na consolidação posterior dos Estados Nacionais. Os governos nacionais procuraram, por diferentes caminhos, neutralizar o papel político do Exército, ao mesmo tempo em que aumentaram as forças de controle interno – os serviços policiais ou de informação e inteligência – visando a manutenção de regimes autocráticos e socialmente excludentes. (SANTOS FILHO, 2013, p. 40)

No Egito e na Tunísia as Forças Armadas não reprimiram o movimento, pois o Exército “literalmente não obedeceu às ordens superiores, recusou-se a disparar contra os manifestantes” (SANTOS FILHO, 2013, p. 40) acelerando a destituição dos governantes. Na Líbia, as Forças Armadas desempenharam um papel diferente houve uma disputa interna onde grupos de diferentes etnias desmembraram as Forças Armadas e assim conduzindo as lutas a uma disputa étnica, levando a uma guerra civil (SANTOS FILHO, 2013).

Redes sociais e o movimento da primavera árabe

A Tunísia, o Egito e a Líbia possuem a mesma língua como oficial, o árabe. Fazem fronteiras entre si, e também partilham da mesma religião, o Islã. E no momento da eclosão da Primavera Árabe também partilhavam algumas conjunturas estruturais semelhantes em relação ao descontentamento popular com o tratamento a eles dados pelos regimes autocráticos vivenciados na região.

A mídia social⁷ representa um estímulo estratégico, tanto para governos quanto para cidadãos, uma vez que pode ser usada para fomentar a dissidência, bem como impulsionar os valores democráticos a toda uma sociedade (CANTON, [201-?]). Mídias sociais são um novo

ministros. Este fazia chegar instruções aos Comitês Populares para se proceder à administração. Os próprios Comitês Populares eram designados pelos Congressos Populares de Base. (JOFFÉ, 2011, p. 106)

⁷ “[...] rede e mídia social são coisas diferentes. As redes sociais são metáforas para os grupos sociais. Já a “mídia social” (sem entrar, aqui, no mérito do termo), é um conjunto de dinâmicas da rede social. Explico: São as dinâmicas de criação de conteúdo, difusão de informação e trocas dentro dos grupos sociais estabelecidos nas plataformas online (como sites de rede social) que caracteriza aquilo que chamamos hoje de mídia social. São as ações que emergem dentro das redes sociais, pela interação entre as pessoas, com base no capital social construído e percebido que vão iniciar movimentos de difusão de informações, construção e compartilhamento de conteúdo, mobilização e ação social. E isso ocorre principalmente porque as redes sociais acabam criando e mantendo, através das ferramentas da Internet, canais mais permanentemente abertos de informação e contato” (RECUERO, 2010).

catalisador para a mudança social que pode representar uma ameaça ou oportunidade (CANTON, [201-?]). Os acontecimentos no Norte de África e no Oriente Médio, mais precisamente no Egito, Líbia e Tunísia, como foco desta análise, agora conhecido como a Primavera Árabe, sugeriria que há uma nova revolução nos meios de comunicação sociais emergentes com imensas implicações estratégicas para o futuro (CANTON, [201-?]). Esta análise examina o uso atual de mídias sociais e busca mostrar o potencial uso desses meios nos levantes da Primavera Árabe. Mostra, também, como o uso destas mídias pode ser usado como um conjunto diversificado de interesses políticos para organizar e comunicar ações no interior dos Estados e entre eles. A ação dos movimentos políticos em cada um dos três Estados foi independente, mas há a coincidência de eventos, Primavera Árabe, e a articulação destes movimentos foi potencializada através das redes de mídias sociais.

Através das redes sociais, as sociedades se interconectam. Kaiser (1990) faz uma discussão do transnacionalismo ao qual demonstra que toda ação do indivíduo que não está necessariamente interligada ao Estado é uma variável importante para a formulação de políticas no próprio Estado e em outros, comprovando a interação entre indivíduos e a consequente interferência em outros Estados. Sendo assim, a rede social estaria fora do controle do Estado sendo um movimento de caráter transnacional.

Entende-se que os cidadãos foram grandes responsáveis pela divulgação dos acontecimentos através das mídias sociais, que possibilitaram a propagação dos levantes populares. O uso das redes sociais possibilitou a potencialização das demandas da massa. A nova dinâmica de globalização permite que atores não estatais ganhem capacidade de estimular mudanças na estrutura Estatal, se organizando em movimentos sociais. Segundo Tarrow e Tilly (2009) um movimento social é um desafio para os detentores de poder, pois a sociedade se une para lutar por aquilo que não está contente, e como aconteceu na Primavera Árabe as ações coletivas causaram significantes efeitos nos países e os ditadores queriam de alguma forma controlar o fluxo dessas informações, esse controle acabou sendo falho e inútil. Estes acontecimentos da Primavera Árabe, focando na Tunísia, no Egito e na Líbia, como dito anteriormente; Estados estes em que as manifestações conseguiram depor Chefes de Estado.

O modelo de redes descrito por Kadushin (2004) é utilizado nesta análise para explicar como o uso das redes sociais foi de extrema relevância para impulsionar as manifestações na Primavera Árabe, pois a partir desta o movimento ganhou repercussão no cenário Internacional.

A hipótese central é de que as redes sociais serviram como meio de potencialização da ação dos movimentos políticos, organizados pela sociedade civil, nas manifestações ocorridas na Primavera Árabe. O curso de ação dos manifestantes foi diferente em cada Estado, mas a coincidência de eventos (Primavera Árabe) e a articulação dos movimentos se deram através das redes sociais. Através do Construtivismo será feita uma análise acerca das características dos Estados no que diz respeito à Identidade e Cultura, e como essas características funcionaram a favor dos manifestantes. Juntamente com o Construtivismo aplicar-se-á o modelo de Redes (KADUSCHIN, 2004) que explica o funcionamento das redes e como estas se transnacionalizam; em associação com o conceito de movimentos políticos.

Ao identificar o uso das redes sociais na Primavera Árabe, nos Estados da Tunísia, Egito e Líbia, detectam-se como as informações por elas geradas foram compartilhadas pelos manifestantes. A técnica e o modelo de redes descritas por Kaduschin (2004) demonstram o funcionamento e as características da rede social, assim caracterizando a rede social na Primavera Árabe e demonstra-se sua relevância para a eclosão do movimento. A técnica de redes é usada para analisar a capacidade de expansão das lutas sociais na Primavera Árabe, nos Estados em foco, que se fortaleceram com o processo de difusão de informação pelas redes sociais.

Facebook

O uso das redes sociais foi mostrado ao longo da pesquisa como o principal meio de comunicação entre a sociedade civil, e dentre estes meios, o Facebook foi o mais utilizado, tornando-se a rede social mais importante na revolta árabe. Segundo estudos de Salem e Mourtada (2011), o número de usuários do Facebook em Janeiro de 2010 era de 11, 978,300 de pessoas, passando para 21, 361,863 em dezembro de 2010. Isso significa um aumento de 78% do início do ano até a época em que se teve o início da Primavera Árabe.

Analisando esse efeito na região não se pode ignorar o início da revolta na Tunísia, assim contagiando uma série de eventos. Esse efeito causado pelo movimento, que surgiu em dezembro de 2010, deve-se as condições conjunturais, o clima político na região, os incentivos externos, como se pode notar os países ocidentais dando incentivos para a difusão da democracia, o clima político regional e o impacto dos países vizinhos.

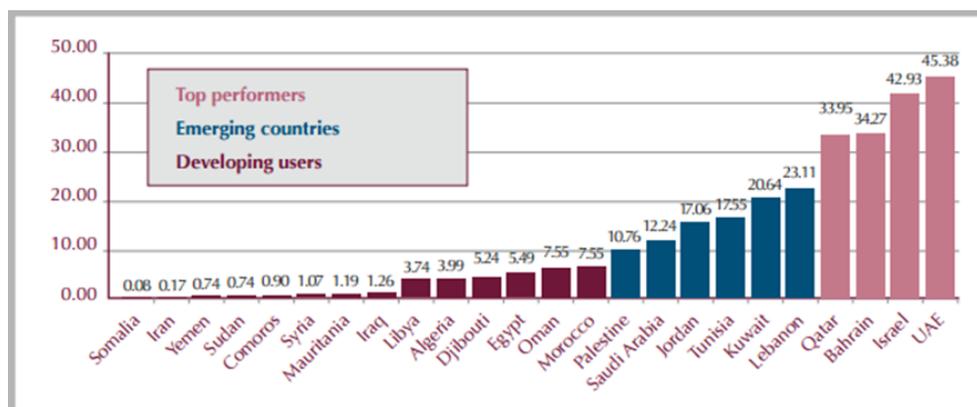
Esse crescimento de usuários no Facebook fez com que a rede social seja mais usada para fins políticos do que meramente sociais. Usuários que participavam de grupos onde se

poderia ter contato com pessoas de outros países utilizavam-se dos grupos com a finalidade de mostrar a situação que eles estavam vivendo e pedindo um apoio internacional, além de compartilhar interesses com a sociedade.

O Gráfico 1 representa os países árabes, mostrando a porcentagem de aumento dos usuários no Facebook, em dezembro de 2010. O gráfico divide em cores três grupos de países. De 30% - 45%, os países que já tinham um número maior de usuários do Facebook, e faziam parte dos 20 maiores países com usuário do Facebook. Os de 10% - 25% os países emergentes, indicando um número médio de usuários se inscrevendo no Facebook. O grupo com até 8% indica os países que estavam começando a aumentar o número de usuários.

Em dezembro de 2010 a Tunísia estava no grupo médio, onde já tinha o crescimento considerável de usuários. Como pode se perceber o Egito e a Líbia ficam no último grupo, onde a porcentagem é menor que 8%, ainda assim o Egito é mostrado com uma maior porcentagem de usuários, na frente da Líbia.

Gráfico 1 -Top 10 Countries by Facebook Penetration (Dec. 2010)⁸



Fonte: SALEM; MOURTADA, 2011

De acordo com os teóricos e ao longo do trabalho fica claro que a maior parte da sociedade que estava reivindicando melhorias era composta por jovens, nos três países, onde não tinham oportunidades e nem perspectiva de melhorias, então estes resolveram usar as redes sociais que conheciam para que pudessem reivindicar suas necessidades e ganhar mais adeptos a causa. O Facebook é uma rede social, cuja maioria dos usuários está na faixa etária de 15 aos 29 anos (SALEM; MOURTADA, 2011).

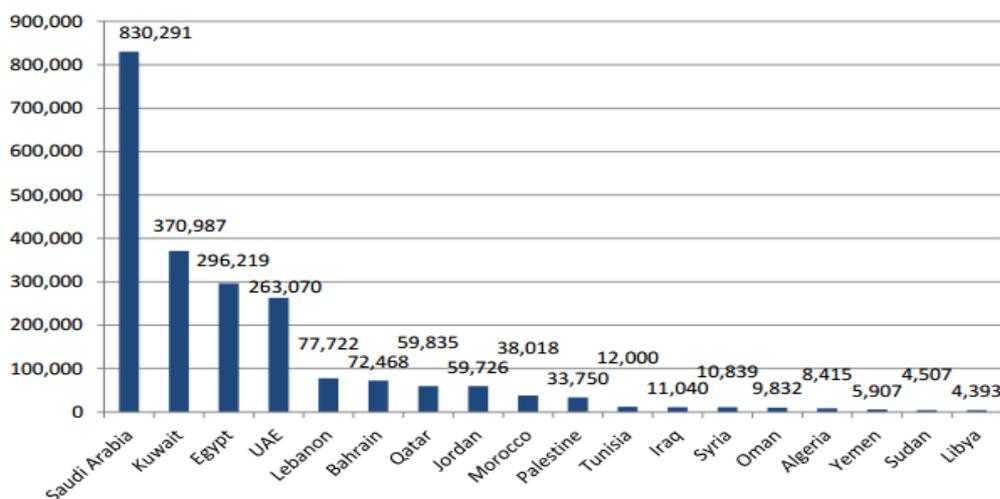
⁸Os 10 Países que mais Acessam o Facebook (Dezembro de 2010). Tradução nossa.

Twitter

O *Twitter* é uma rede social em formato de micro blog que permite aos indivíduos se comunicar de forma instantânea, seja de forma anônima ou não. Diferentemente das outras redes sociais, as postagens feitas no *Twitter* são em apenas 140 caracteres permitindo ao usuário que a leitura, assim como a resposta, seja rápida (CANTON, [201-?]). Ao contrário das longas mensagens provenientes de e-mails e postagens no *Facebook*, por exemplo. O que faz do “*Twitter* uma forma brilhante de comunicação“ (CANTON, [201-?]) é o fato de que os usuários tem a capacidade de pesquisar por temas através das *hashtags*(#) e assim ver qualquer postagem feita por qualquer um em qualquer parte do mundo.

Portanto, aqueles que estavam interessados nos motins no Egito, mas estavam sentados nos seus sofás na América foram capazes de obter atualizações instantâneas de pessoas twittando [sic] da Praça Tahrir simplesmente, pesquisando palavras-chave como "Egito" no *Twitter*. Estes meios de comunicação sociais criaram uma fonte incrível de rede não regulada que permite aos indivíduos comunicar-se com uns com os outros de maneira que nunca foram capazes de antes: de formal global e imediata.⁹ (CANTON, [201-?], p. 3. Tradução nossa.)

Gráfico 2 - *Twitter Active User Penetrations in Arab World – June 2012*¹⁰



Fonte: Arab Social Media Report apud MRD, 2012.

⁹ No original: Therefore, those who are interested in the riots in Egypt but were sitting on their couch in America were able to get instant updates from individuals tweeting from Tahrir Square simply by searching keywords such as “Egypt” into Twitter. These social media outlets have created an amazing source of unregulated networking that allows individuals to communicate with one and other ways they have never been able to before: globally and instantly.

¹⁰Usuários Ativos do *Twitter* no Mundo Árabe – Junho de 2012. TraduçãoNossa.

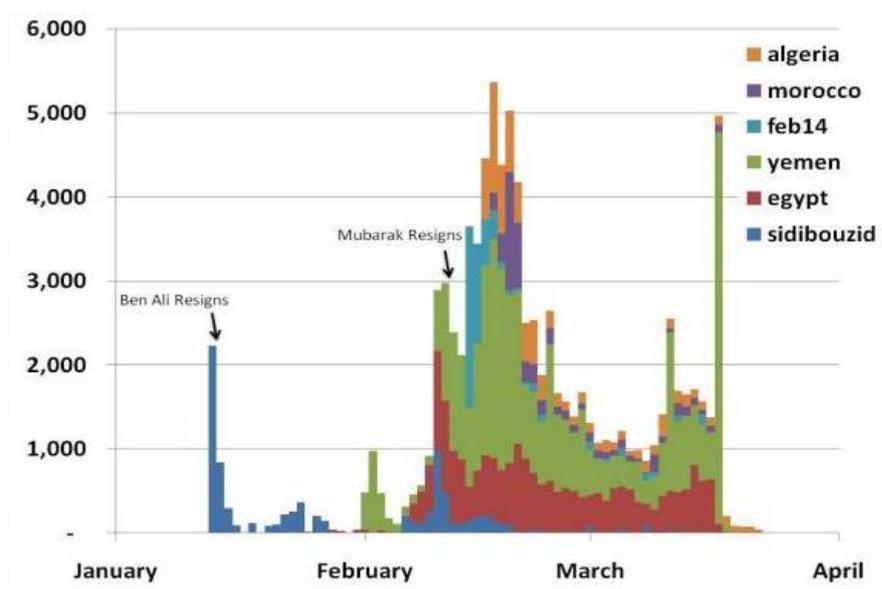
O Gráfico 2 representa o número ativos de usuários no *Twitter* nos 18 Estados do Oriente Médio em Junho de 2012. Entre os três países analisados, o Egito possui um maior número de usuários do *twitter* como se verifica a seguir:

De acordo com a Escola do Governo de Dubai no final de Junho de 2012 existiam cerca de 2.17 milhões de usuários ativos do *Twitter* nos 18 países Árabes abrangidos por este relatório. Isto compara com uma estimativa de 530 milhões de usuários em todo o mundo ou inferior a meio por cento (0,4%) do total de usuários. Quatro países do Levante e do Conselho de Cooperação do Golfo (GCC) representam mais de 80 por cento de todos os usuários do *Twitter* no mundo árabe. Estes são, respectivamente, Arábia Saudita, Kuwait, Egito e Emirados Árabes Unidos, que representam 57 por cento da população total dos países árabes. Egito, que é o lar da maior população árabe, vem em terceiro lugar, com mais de 296,200 usuários do *Twitter*, o que equivale a quase 14 por cento do total de usuários do *Twitter* da região. A UAE ocupa a quarta posição com 263,070 usuários representando mais de 12 por cento do total de usuários árabes, enquanto ocupa a 10ª posição em termos de sua população total¹¹ (MRD, 2012, pg.96. Tradução nossa.)

No Gráfico 2 percebe-se a importância do Egito, como o país que possui a maior população do Oriente Médio (MRD, 2012) na utilização do *Twitter* em 2012 nas manifestações da Primavera Árabe. O Egito ocupando a terceira posição no Gráfico ao qual possui um dos maiores índices de usuários ativos do *Twitter* representa como a rede social é importante para a sociedade. A Líbia ficando em último lugar no Gráfico representa como o *Twitter* foi menos relevante para o movimento não desprezando sua importância. O *Twitter* como uma das redes sociais relevantes para a Primavera Árabe, principalmente para o Egito, onde foi mais utilizada pela população, demonstra o compartilhamento de interesses entre eles e como isso os aproximou para a eclosão do movimento.

¹¹No original: According to Dubai School of Government by end of June 2012 there were nearly 2.17 million active Twitter users in the 18 Arab countries covered in this report. This compares with an estimated 530 million users worldwide or less than a half percent (0.4%) of total users. Four Levant and Gulf Cooperation Council (GCC) countries account for more than 80 percent of all Twitter users in the Arab world. These are respectively Saudi Arabia, Kuwait, Egypt and the UAE, which account for 57 percent of Arab countries' total population. Egypt, which is home to the largest Arab population, comes in third place with more than 296,200 Twitter users, which is equivalent to almost 14 percent of the region's total Twitter users. The UAE ranks fourth with 263,070 users, accounting for more than 12 percent of total Arab users while ranking 10th in terms of its country population.

Gráfico 3 - Number of Tweets in the Region Using Hashtags for Neighboring Countries¹²



Fonte: Howard et.al., 2011.

O Gráfico 3 apresenta o número de *hashtags* utilizadas no *Twitter* no período de janeiro a abril de 2011: *#algeria*, *#egypt*, *#feb14*, *#morocco*, *#sidibouzide* *#yemen* que foram associados com os levantes políticos. Primeiro, se coletou todos os *twitters* da região, nos seis países: Argélia, Egito, Bahrein, Tunísia, Marrocos e Iêmen. Posteriormente, se delimitou a pesquisa para o *tweets* com as *hashtags* citadas no gráfico: *#algeria*, *#egypt*, *#feb14*, *#morocco*, *#sidibouzide* *#yemene* com isso constatou-se que o número de *twitters* nas outras regiões aumentou quando a Tunísia e o Egito estavam protestando. Nas duas semanas após a renúncia de Mubarak, havia uma média de 3400 *tweets* por dia sobre a crise política no Egito (HOWARD et. al., 2011).

O *Twitter* é uma rede social que teve na Primavera Árabe um caráter transnacional, pois como verificado no Gráfico 4, pessoas de outras regiões do Egito e da Tunísia fizeram uso de *hashtags* *#algeria*, *#egypt*, *#feb14*, *#morocco*, *#sidibouzide* *#yemen* como uma forma de manifestação e apoio a região. Com isso ocorreu o compartilhamento de informações nas redes sociais que impulsionou as manifestações e ganhou repercussão no cenário Internacional e é de extrema relevância para o modelo de redes descrito por Kadushin (2004), que foi apresentado no capítulo 2. Pois, para o funcionamento de uma rede social é necessário se ter o compartilhamento de informações (KADUSHIN, 2004).

¹²Número de *Tweets* na Região Usando *Hashtags* para os Países Vizinhos. Tradução nossa.

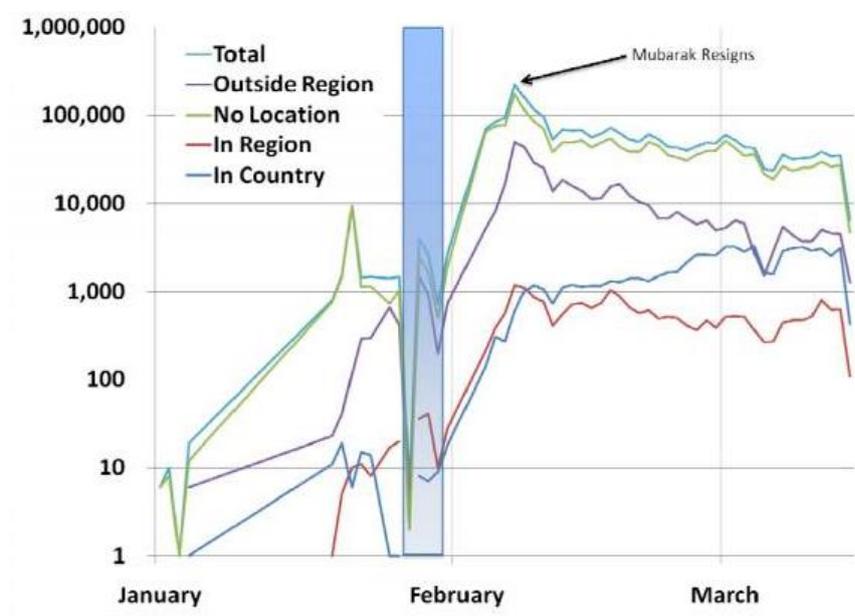
As notícias da renúncia de Ben Ali se espalharam rapidamente pelo Egito, mas não graças à cobertura da mídia tradicional, estatal, que era relutante em fazer a cobertura dos protestos na região e, principalmente, no Cairo (capital egípcia). Isso devido ao fato de que no Egito uma grande maioria da população possui acesso à internet através de celulares (HOWARD et. al., 2011).

Assim como na Tunísia, o Egito possuía grande atividade online. É nesse espaço que partidos políticos ilegais, radicais, fundamentalistas, jornalistas investigativos e dissidentes interagem. Como prova disso, quando a Irmandade Muçulmana foi banida do Egito, a organização realocou seus servidores em Londres e continuou seu trabalho (HOWARD et. al., 2011). Mas não foram os partidos políticos ou sindicatos que converteram os movimentos “anti-Mubarak” numa guerra civil. Foi uma campanha em memória do blogueiro Khaled Said que foi espancado até a morte pela polícia em 6 de junho de 2010. Um dos organizadores de protestos e criador da *fanpage* de Mohamed El-Baradei – maior opositor de Mubarak – egípcio WaelGhonim¹³ que trabalhava como executivo do *Google* em Dubai (CANTON, [201-?]). Wael usava sua página para transmitir os planos de protesto contra Mubarak para todos os 400 mil de seguidores da página.

WaelGhonim também se tornou o mais proeminente usuário egípcio do *Twitter*, possibilitando a ele interligar de forma massiva as redes sociais egípcias a observadores do mundo Árabe usando a língua inglesa. Os primeiros ocupantes da Praça de Tahrir mandavam mensagens de esperança e conversavam com seus companheiros em Tunis através do *Twitter* (HOWARD et. al., 2011).

Com uma taxa de penetração de 5,5%, mais uma grande população que se traduziu em cerca de 6 milhões de usuários no *Facebook*, o núcleo de ativistas foi capaz de se conectar a um número muito maior de contatos que poderiam ser influenciados por informações de pessoas com contas no *Facebook* (SALEM & MOURTADA, 2011 *apud* FRANGONIKOLOPOULOS; CHAPSOS, 2012). O resultado foi a Marcha dos Milhões no dia primeiro de Fevereiro, que forçou a saída de Hosni Mubarak dez dias depois.

¹³ O WaelGhonim também foi responsável por criar o grupo *Somos Todos Khaled Said* em homenagem ao blogueiro de mesmo nome que foi morto pela polícia. (KANDIL, 2011). Mencionado em capítulo 3.

Gráfico 4 - *Logged Number of Tweets on #egypt, by Location*¹⁴

Fonte: Howard et.al, 2011

Como apresentado no Gráfico 4, o número de usuários com a tag¹⁵ #egypt crescia cada vez mais desde o fim de Janeiro quando houve a primeira manifestação no Egito, até que se atingiu milhares que foi quando ocorreu o início da cobertura da imprensa em relação ao assunto. O gráfico também mostra que no fim de janeiro houve uma queda brusca do número de *tweets*, isso ocorreu porque em uma tentativa desesperada de controlar e oprimir os movimentos Mubarak, então presidente do Egito, ordenou que o país fosse desconectado da infraestrutura global da internet (HOWARD et. al., 2011), mas falhou porque os manifestantes começaram a receber ajuda externa. "Durante o apagão da Internet, *Google* e *Twitter* se esforçaram para oferecer o *Speak-2-Tweet*, um serviço através do qual os usuários podem chamar um número de telefone internacional para enviar e ouvir mensagens do *Twitter* sem a internet."¹⁶ (FRANGONIKOLOPOULOS; CHAPSOS, 2012, p. 16. Tradução nossa.). Pode-se perceber também que houve crescimento do uso da tag ao redor do mundo, o que permite dizer que os levantes da Primavera Árabe também ganharam notório conhecimento global através do uso de redes sociais. Outro importante fator apresentado no Gráfico 5 é o

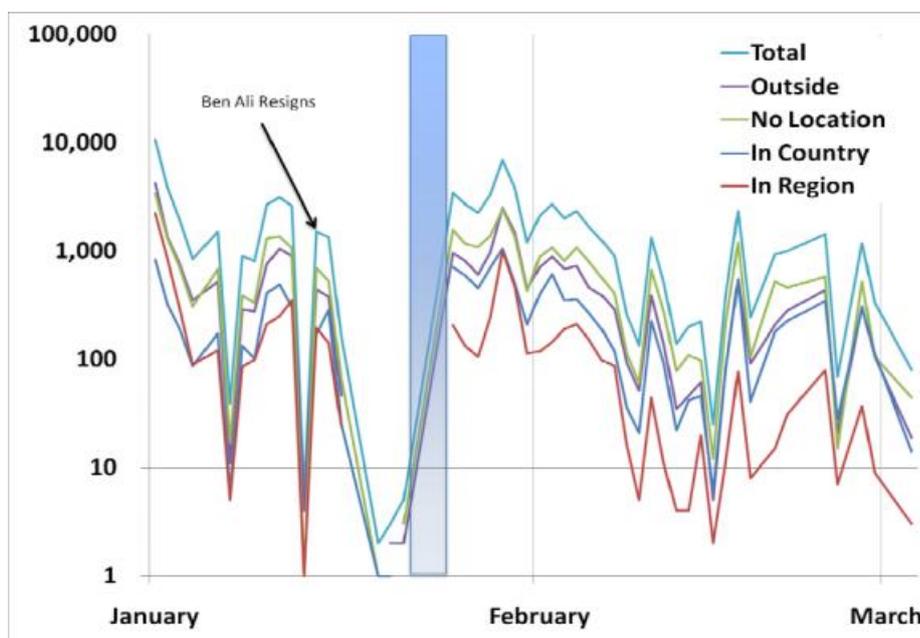
¹⁴Número de *tweet*sem #Egypt, por Localização. Tradução nossa.

¹⁵TAG forma de conexão de palavra-chave onde um usuário de qualquer parte do planeta pode pesquisar sobre o assunto no *Twitter*.

¹⁶No original: During the Internet blackout, Google and Twitter scrambled to offer the 'Speak-2-Tweet', a service whereby users could call an international telephone number to post and hear Twitter messages without the internet.

pico registrado no dia 11 de fevereiro, quando Mubarak renunciou, atingindo mais de cem mil menções ao redor do mundo.

Gráfico 5 – Logged Number of Tweets on #sidibouzyd, by Location¹⁷



Fonte: Howard et.al., 2011.

O Gráfico 5¹⁸ está contabilizando o número de *Tweets* na Tunísia no período de janeiro a março de 2011, quando o país passava por uma transformação política. Como se pode ver em janeiro Ben Ali renunciou seu cargo no governo. Antes de Ben Ali sair do poder o número de pessoas usando o *Twitter* aumentou e após sua saída houve um declínio no número de usuários, pois de acordo com ativistas as forças de segurança interferiram no bloqueio da rede social. Quando o *Twitter* se normalizou percebe-se que onde está marcado, em azul claro numa linha horizontal, o número de *tweets* aumentou e várias pessoas foram às ruas protestar contra o regime. As manifestações através do *Twitter* duraram meses até que não existisse mais nenhum vestígio do governo anterior no poder. O declínio ao qual o Gráfico 5 demonstra

17Número de *tweets* em #sidibouzyd, por Localização. Tradução nossa.

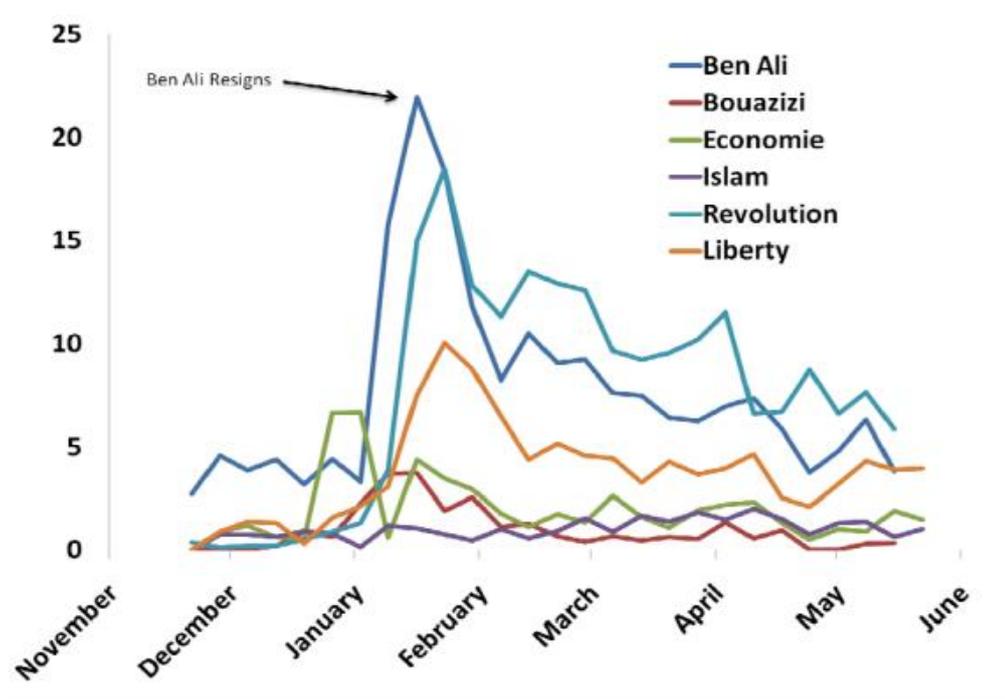
18“Outside” country refere-se a perfis do Twitter que eram encontradas tanto fora do país, como fora da região, e “No location” refere-se a perfis que ou não tinham dados de localização ou foram excluídos ou suspensos desde que o arquivamento começou. A barra azul indica o período em que os jornalistas começaram a relatar que os protestos tinham alcançado o nível de milhares de participantes (HOWARD et al., 2011, p.11).

No original: “Outside Country” refers to Twitter profiles that had locations outside both the country and the region, and “No location” refers to profiles that either had no location data or had have been deleted or suspended since archiving began. The blue bar indicates the period in which journalists began reporting that protests had reached the level of “thousands” of participants.

é referente ao bloqueio da rede social por parte do governo. Depois que esse bloqueio termina o número de usuários volta a crescer (HOWARD et. al., 2011).

Blogs

Gráfico 6 - PercentofTunisian Blogs With Posts onPolitics, ByKeyword¹⁹



Fonte: Howard et.al., 2011.

O Gráfico 6 mostra o percentual das palavras-chave mais escritas nos blogs tunisianos no período de novembro de 2010 a junho de 2011. Os posts nos blogs criticavam o governo e assim as palavras: Ben Ali, Bouazizi, economia, Islã, revolução e liberdade; foram consideradas as mais importantes para representar o que a população através dos blogs queria expressar. De acordo com o artigo “OpeningClosed Regimes” os blogs foram pioneiros no que diz respeito ao uso de mídias sociais, como meio de protesto na Tunísia e que os blogs na sua maioria eram escritos em árabe, francês e inglês (HOWARD et. al.,2011), nisso pode-se perceber a necessidade que a população tinha em internacionalizar suas demandas ao quais eram por democracia, liberdade, revolução entre outras como as palavras-chave.

Ao atear fogo em seu próprio corpo, Bouazizi torna-se um dos assuntos mais comentados nos blogs, como se observa no Gráfico 6 e a partir de dezembro de 2010 as

¹⁹Percentual de Blogs Tunisianos Com Posts sobre Política, por Palavra-Chave. Tradução nossa.

palavras-chave tornam-se mais frequentes e de maior uso. Constatase o crescimento vertiginoso da utilização dos blogs tratando de política como se observa nas palavras-chave mais utilizadas. Após a saída do Ben Ali do poder, houve uma queda nos usos das palavras-chave, porém estas continuaram a ser as palavras de maior uso nos blogs. Assim, percebe-se que a partir desses dois acontecimentos notórios, a renúncia de Ben Ali e a trágica ação de desespero de Bouazizi que ateou fogo em seu próprio corpo, houve intensificação no uso dos blogs, fazendo com que o uso destes se tornasse ininterrupto. Os movimentos sociais são constituídos de forma vertical, onde existe um líder, ou uma figura na qual o movimento tem início. No caso da Primavera Árabe, temos Bouazizi, e ele se tornou mártir do movimento, fazendo com que a Tunísia seja o país que iniciaria e daria impacto na região para todos os outros movimentos que viriam a seguir.

A rede social possui um fluxo muito rápido de interação e interesses em comum, consequentemente grupos que possuem uma mesma identidade são formados (CASTELLS, 1999). No *Twitter* e nos blogs, por exemplo, o fluxo contínuo de informação das manifestações no ano de 2011 na Tunísia, Egito e Líbia, demonstra a capacidade de interação de uma rede social e o compartilhamento de informação desta. Pois, como a demanda dos manifestantes nos três países eram semelhantes: democracia, liberdade, entre outros, se formaram grupos ao qual se teve uma identidade em comum entre a sociedade que estava conectada as redes sociais.

Propagação internacional do movimento

O mundo árabe não utilizava as redes sociais em grande escala, porém após o evento da Primavera Árabe é notório que, a multiplicação da utilização das redes sociais no que se trata de ativismo político, que ocorreu a partir daquele período e as revoltas que desde então foram testemunhadas nos países em questão, intensificou a explosão de sites como o *Facebook*, *Twitter* e *YouTube* no cenário árabe (MRD, 2012).

Com o aumento da utilização do uso da internet e das redes sociais, a exploração do potencial deste foi essencial para que o movimento descentralizado crescesse, pois a partir do momento que as informações de nível doméstico, atingiram o nível internacional mobilizou-se a opinião pública internacional, os Estados, e as Instituições Internacionais.

A compreensão internacional, e o apoio recebido através das redes sociais, permitiu um contato mais íntimo com o cenário presente nos países árabes em 2011 e naquele

momento, fez com que a população árabe percebesse que não estava sozinha, o que dificultou o regime de regular a situação.

A utilização das redes sociais pelos manifestantes é descrita por Medeiros (2012) na teoria da mobilização de recursos, pois deste modo os mesmos atraíram cada vez mais adeptos as causas, gerando grandes demandas. As redes sociais foram capazes de manter o mundo inteiro informado de tudo que estava acontecendo, e o mais importante é o que neste trabalho pode-se perceber que as informações geradas pela sociedade civil é considerada como uma “fonte natural”, segundo Costa (1997), sendo assim não houve uma modificação das informações, tudo passado em tempo real e de fontes que não eram tendenciosas. Por isso pode-se classificar as redes sociais como: “repertório de ação coletiva” - um instrumento que permitiu uma maior comunicação social entre os manifestantes de todos os países árabes, e com o resto do mundo, formando novas ações e gerando um suporte de boa parte dos países ocidentais. A modernidade trouxe esses novos meios de mobilização social, onde a sociedade árabe teve como sua grande aliada, para que as informações chegassem a todos, de forma completa, e com o caráter transnacional desses novos meios de comunicação a ajuda e o apoio financeiro dos Estados do Sistema Internacional foram maiores e mais fortes.

A manifestação na Líbia foi diferente do que ocorreu nos outros dois países. Apesar de ocorrer o uso de redes sociais na Líbia, achamos informações de que os movimentos contestatários tiveram apoio financeiro dos países do Ocidente (G1 *apud* FRANCE PRESSE, 2011), e também que o governo já possuía informações privilegiadas a respeito do uso das redes sociais como meio de organização popular (CANTON, [201-?]). A Líbia foi o país que sofreu maior pressão do Sistema Internacional para a saída do ditador Kadafi do país com o apoio dos Estados Unidos aos rebeldes líbios. É importante ressaltar que Tunísia, Egito e Líbia receberam ajuda internacional, porém a Líbia foi o país ao qual se teve maior pressão dos países do Ocidente para o fim do Regime de Muamar Kadafi (G1 *apud* FRANCE PRESSE, 2011). O Egito também recebeu ajuda financeira dos países do Ocidente (LAGUNA, 2011).

Através da análise de dados empíricos pode-se constatar que havia heterogeneidade dentro do movimento. Como já dito, os movimentos ocorreram de forma horizontal, os protestos, nos diferentes Estados, ocorriam de forma simultânea e se comunicavam o que dava força aos eventos. Em cada Estado havia uma demanda em comum, mas cada qual com sua particularidade. Mas num contexto estrutural, a sociedade civil

[...] era uma comunidade de indivíduos que partilhavam da mesma linha de pensamento, desempregados, alto nível de educação, ávidos por mudança, mas não

comprometidos com fervor religioso ou uma ideologia política específica. Eles descobriram a solidariedade através da mídia social, e depois usaram seus celulares para chamar suas redes sociais para a rua.²⁰ (HOWARD et al., 2011, p. 15 *et. seq.* Tradução nossa.)

Apesar da religião não ser um fator preponderante no que diz respeito às reivindicações populares, pode ser considerada como um ponto importante para a coesão dos indivíduos, pois estes, de modo geral, dividem a mesma formação simbólica através da religião, possuem o mesmo Deus o que lhes confere uma identificação em comum em relação a definição do que são e sua identificação com outro²¹ e a relação disso com a com a construção identitária coletiva da região. Essas características permitem que os indivíduos tenham capacidade de previsibilidade em relação aos outros, essa previsibilidade pode estar diretamente ligada as suas próprias esperanças, anseios e visão para o futuro de acordo com as ideias disseminadas pelo Islã. Tal percepção permitiu que os indivíduos conseguissem se solidarizar uns com os outros, mesmo estando em países diferentes, da forma como ocorreu na Primavera Árabe, que fica clara quando colocada sob a ótica da Identidade Tipo²² apresentada por Wendt (1999). Isso fica claro quando Wendt (1999) faz menção a Jim Fearon para explicar como esse tipo de identidade surge nos indivíduos. São rótulos subjetivos que as pessoas adquirem e que dão coesão ao meio social em que estão inseridas. Esses indivíduos partilham similitudes históricas (religião) e valores culturais que são característicos não somente a religião, mas também ao ambiente em que estão. São essas semelhanças que dão a eles a capacidade de previsibilidade e de se identificar uns com os outros. O autor indica que até mesmo a aparência influi na maneira como a Identidade Tipo é formada. Além dos fatores já mostrados, existe também a língua²³. "Nos dias atuais, são denominados "Árabes" os países nos quais a população fala o idioma árabe, totalizando 22 países que tem o árabe como idioma

²⁰ No original: [...] were a community of like-minded individuals, underemployed, educated, eager for change but not committed to religious fervor or a specific political ideology. They found solidarity through social media, and then used their mobile phones to call their social networks into the street.

²¹ Relação entre *Self* e o outro apresentada no capítulo 1, conceito de Alexander Wendt (1999).

²² Jim Fearon refere-se a uma categoria social ou "rótulo aplicado a pessoa que compartilha (ou são pensados para compartilhar) alguma característica ou características, na aparência, traços de comportamento, atitudes, valores, habilidades (por exemplo, linguagem) conhecimento, opinião, experiência, semelhanças históricas (como região ou lugar de nascimento), e assim por diante." (Fearon apud Wendt, 1999, p. 225. Tradução nossa).

No original: Jim Fearon, refers to a social category or 'label applied to person who share (or are thought to share) some characteristic or characteristics, in appearance, behavioral traits, attitudes, values, skills (e. g. language), knowledge, opinion, experience, historical commonalities (like region or place of birth), and so on.'

²³ No epicentro da Primavera Árabe, a língua era o Árabe. Em alguns trechos desse trabalho coloca-se o inglês como a língua comum para o mundo externo ao Árabe. O uso da língua inglesa facilitou a percepção e difusão a nível mundial, o que não é o foco central desta investigação.

oficial” (ARABESQ, 2008), apesar de que em cada país existem diferenças históricas²⁴ o Árabe é a língua oficial nos três Estados e foi também um dos importantes fatores que permitiu a facilidade de comunicação entre a sociedade civil nos três países.

Como dito anteriormente, Adler (1999) diz que o Construtivismo “é a perspectiva segundo a qual o modo pelo qual o mundo material forma a, e é formado pela ação e interação humana depende de interpretações normativas e epistêmicas dinâmicas do mundo material.” (p. 205). Partindo desse conceito sabe-se que as interpretações dos indivíduos diante de sua realidade são responsáveis pela estrutura social da qual fazem parte. Como já apresentado, os Estados passavam por dificuldades econômicas graves, desemprego, diminuição da renda da população, poucas expectativas de futuro promissor para os indivíduos. Portanto, quando esses grupos de pessoas, sendo uma ou várias nações, decidem mudar de comportamento eles percebem que o resultado não depende único e exclusivamente de suas,

[...] preferências pessoais e escolhas racionais. Depende também do seu comportamento compartilhado, do significado coletivo que eles atribuem à situação, de sua autoridade e legitimidade, das leis, instituições e recursos naturais que eles usam para achar seu caminho, de suas práticas, ou mesmo, algumas vezes, de sua criatividade conjunta. (ADLER, 1999, p. 203)

Ao tomar consciência do seu papel social diante da estrutura a qual estavam inseridos os indivíduos decidem mudar e se reorganizar, o que trouxe consequências estruturais que implicam em transformações na microestrutura, pois quando os atores ponderam sobre a ação do outro, esses moldam novamente suas práticas; e para a macroestrutura trás consequências, pois ocorrem rearranjos de políticas estatais não só dentro dos Estados apresentados por essa pesquisa, mas também para os Estados da região, pois estes perceberam os novos significados coletivos atribuídos a situação e o projetam na política promovida pelos Estados.

Os autores Eltantawy, Wiest (2011) fizeram um estudo de caso ao qual analisaram o uso da rede social em 2011 no Egito, na manifestação da Primavera Árabe. Uma das análises feitas no artigo foi que a mídia social na manifestação foi um importante fator para os movimentos sociais no Egito. As redes sociais foram importantes para a queda do ditador egípcio. Porém, a rede social apesar de ser importante para o movimento da Primavera Árabe, não foi o único fator que fez com que eclodisse as manifestações. Os fatores *outsiders* também foram muito relevantes para o movimento.

Protestos em massa encheram as ruas do Egito em uma revolução de 18 dias contra o então presidente Hosni Mubarak, que manteve o país sob regime ditatorial apertado por 30 anos. Enquanto a mídia social desempenhou um papel importante na

²⁴ Egito e Tunísia, por exemplo, foram colônias de países europeus - Inglaterra e França, respectivamente. A História mostra que um número significativo de países adotaram, como língua oficial, o idioma herdado de seus colonizadores. Isso não ocorreu nos Estados aqui apresentados e esses mantêm o Árabe como língua oficial.

revolução, há uma série de outros fatores e atividades que contribuíram para o desenvolvimento de eventos que desencadearam os protestos de 25 de janeiro. Sob o regime de Mubarak, o clima sociopolítico e econômico era sufocante e deprimente, eleições presidenciais e parlamentares, falta de transparência e corrupção permearam todos os órgãos governamentais e condições políticas para cidadãos egípcios eram opressivos, impedindo a livre expressão, oportunidades de protesto, e participação política geral. (Eltantawy, Wiest, 2011, pp. 1210-1211)²⁵

A importância da influência fora do movimento social ao qual está sendo estudado, no caso o Egito, pode ser analisado quando se tem fatores internos e externos ao Egito que fizeram com que a manifestação eclodisse. O ambiente político fragilizado, a economia em uma forte recessão, o local da manifestação na Praça Tahrir foram fatores importantes que facilitaram o movimento. A praça Tahrir estava perto de uma estação de metrô que conectava diversas cidades o que facilitava o deslocamento dos manifestantes (Eltantawy, Wiest, 2011).

Um dos pioneiros a usar a rede social como forma de protesto foi o Mohamed ElBaradei. Contra o governo egípcio, a corrupção e a ditadura, foi o ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 2005 e chefe das Nações Unidas de Energia Atômica. Um dos primeiros a se opor ao governo egípcio,

Em 2009, como ElBaradei estava se preparando para se aposentar de seu posto na AIEA, ele começou a chamar os jovens do Egito para levar a mensagem que a esperança na mudança política era possível. Gradualmente, ElBaradei se tornou um grande inimigo do governo egípcio, por causa de sua vontade de criticar e a vergonha da ditadura. Em fevereiro de 2010, ElBaradei e um grupo de cerca de 30 políticos, intelectuais e ativistas formaram a Associação Nacional para a Mudança, a coalizão de oposição que apoiaram a chamada democrática que ElBaradei havia iniciado (Eltantawy, Wiest, 2011, p.1211)²⁶

Considerações finais

Os acontecimentos ocorridos nos países do Oriente Médio especificamente na Tunísia, Líbia e Egito tiveram semelhanças e divergências. Dado as particularidades de cada país, o impacto das manifestações foi diferente, entretanto, sempre convergindo para o trilho da lisura política e do estabelecimento da democracia como a solução de seus impasses. A bandeira da contestação dos regimes autoritários serviu, também, para demonstrar ao mundo

²⁵ No original: Mass protests filled the streets of Egypt in an 18-day revolution against then President Hosni Mubarak, who kept the country under tight dictatorial rule for 30 years. While social media played a major role in the revolution, there are a number of other factors and activities that contributed to the development of events that triggered the protests that commenced January 25. Under Mubarak's regime, the sociopolitical and economic climate was both stifling and depressing. Presidential and parliamentary elections lacked transparency; corruption permeated all government bodies; and political conditions for Egyptian citizens were oppressive, preventing free expression, protest opportunities, and general political participation.

²⁶ No original: In 2009, as ElBaradei was preparing to retire his post at the IAEA, he began reaching out to Egypt's youth to instill hope that political change was possible. Gradually, ElBaradei became a major enemy of the Egyptian government because of his willingness to criticize and shame the regime's dictatorship. In February 2010, ElBaradei and a group of approximately 30 politicians, intellectuals, and activists formed the National Association for Change, an opposition coalition that supported the democratic call that ElBaradei had initiated

Ocidental que as ditaduras que lá estavam alojadas não condizem com a história e a cultura árabe. E foi com o emprego das redes sociais que a sociedade civil foi capaz não só de ganhar visibilidade, mas também puderam se organizar partilhar experiências com seus irmãos árabes, de outras nações, e coordenar manifestações.

Os ativistas contemporâneos praticam uma organização líquida, porém o uso das mídias sociais não aniquila simultaneamente a liderança. Em oposição, essa adoção de mídia social entre os ativistas fez com que surgissem maneiras novas de liderança, e na maioria das vezes são indiretas e até mesmos invisíveis, com a mesma eficácia na função de atribuir a uma ação coletiva certo grau de coerência e sentido de direção. Sendo esta forma de liderança dialógica no qual a expressão “coreografia” busca se apoiar. (GERBAUDO, 2012).

Gerbaudo (2012) faz referência aos acadêmicos espanhóis José Manuel Sánchez Duarte e Victor Sampedro Blanco que fizeram uma análise sobre O Movimento dos Indignados, ocorrido na Espanha como uma espécie de transferência para as ruas de práticas das ideias já discutidas na rede²⁷,

‘A rede era a praça’: a lógica da Internet foi transferida para a vida pública, a partir daí aqueles que não entendem o primeiro, não podem entender o que está acontecendo. Nós também não percebemos que as práticas da rede (autoconvocação, fóruns de deliberação, consumo de contrainformação, tecelagem de redes afetivas e efetivas, para produzir e operar em esferas periféricas e digitais) tornaram-se tangíveis. As características da comunicação digital - cooperação, instantaneidade, autopromoção, horizontalidade, descentralização, flexibilidade, dinamismo e interconexão - tornaram-se presentes em assembleias e campos²⁸ (GERBAUDO, 2012, pp. 95-96. Tradução nossa)

A mesma lógica de uso das mídias sociais foi observada na Primavera Árabe. Gerbaudo (2012) apresenta o uso de tais mídias como um de ensaio para a “coreografia emocional” vista nas ruas. Os grupos de manifestantes se coordenavam pela rede, porque era ali que eles conseguiram ter a percepção de que não estavam sozinhos, que havia cooperação e o mesmo sentimento de aversão, e nos protestos se mobilizaram de forma coesa as suas ideias e vontades, dessa forma “o processo de mobilização atingiu seu clímax em uma reapropriação do espaço público e uma reinvenção da tradição da política de rua, que, em certa medida, se desenvolveram em concorrência com a cultura do ativismo digital que tinha

27 Rede – rede mundial de computadores, internet propriamente dita.

28 No original: ‘The Net was the square’: The internet logic has been transferred to public life; from there those who do not understand the first, cannot understand what is happening. We don’t either, but we do notice that the practices of the net (self-summoning, forum deliberation, consumption of counter-information, the weaving of affective and effective networks, to produce and to operate in peripheral and digital spheres) have become tangible. The traits of digital communication– co-operation, instantaneity, self-nurturing, horizontality, decentralisation, flexibility, dynamism and inter-connection – have become present in assemblies and camps.

sido crucial na fase inicial.”²⁹ (GERBAUDO, 2012, p. 97. Tradução nossa). O autor leva, também, em conta o papel imprescindível da ocupação dos espaços físicos como meio de organização em vez de simplesmente como “nodos em uma rede”, podendo-se apreciar o papel desempenhado pelas mídias durante a fase de sustentação da ocupação,

[...] mídias sociais ajudaram a sustentar um sentimento de atração emocional para os indivíduos em massa. Páginas do Facebook, *tweets* e *posts* foram tecendo juntos uma textura emocional em torno da espaços públicos, conectando esses lugares com públicos dispersos.³⁰ (*ibidem*, p.99. Tradução nossa)

Para Gerbaudo (2012), os movimentos dos movimentos contemporâneos possuem uma enorme contradição referente ao o discurso da falta de liderança e a horizontalidade e práticas organizacionais nas quais a liderança permanece, mesmo que de um modo dialógico ou interativo. O que deve continuar a existir já que a tecnologia é assimétrica no processo de mobilização e também há a necessidade de se ter pontos focais quando se trata da montagem das pessoas no espaço público.

Neste estudo constataram-se como a organização política da Tunísia e do Egito, as autocracias liberalizadas, que foram o meio que estes Estados utilizaram para ter capacidade de governar já que não possuíam capacidades de ser uma ditadura por completo, formaram de forma paradoxal, a partir de brechas do sistema, um ambiente onde a sociedade civil pudesse se organizar da maneira como foi observada na Primavera Árabe. A Líbia, por outro lado, foi o país que mais se distingui dos outros, não era uma autocracia liberalizada e o regime era o mais fechado. Seu sistema político era a *Jamahiriyah* como especificado na historia da Primavera Árabe, o que demonstrava a centralidade do regime e a exclusão da sociedade do governo. Além disso, através deste estudo podemos observar que os movimentos sociais na Líbia foram financiados por países ocidentais e que o governo líbio se preparou para onda de protestos que assolava a região, cortando formas de comunicação externa e também no interior do país, foi o país cujas redes sociais tiveram o menor impacto e que não foram importantes para a criação de um movimento social de proporções consideráveis como observados nos outros dois países.

Grandes expectativas giraram em torno da Primavera Árabe. No entanto, é importante salientar que a implantação de um regime democrático não se constrói da noite para o dia. No Egito, por exemplo, houve governo de trânsito, mas a população ainda se via pouco ou quase

29 No original: The process of mobilisation reached its climax in a re-appropriation of public space and a reinvention of the tradition of street politics, which to some extent developed in competition with the culture of digital activism which had been crucial in the initial phase.

30 No original: Social media helped to sustain a sense of emotional attraction to the mass sit-ins. Facebook pages, tweets and posts were involved in the continuous weaving together of an emotional texture around the occupied public spaces, connecting these places with dispersed publics.

nada representada. Depois da deposição de Mubarak houve a instalação de um governo provisório que também sofreu com protestos, pois a população continuava impaciente e queria mudanças rápidas. Hoje o Egito sofre com uma ditadura ainda mais repressiva do que a vivida com Mubarak, apesar disso o novo regime do General Sissi possui grande apoio popular (CHACRA, 2014).

A Tunísia é o país que se destaca na transição. Além de ter sido o precursor das revoltas do mundo árabe, foi o que melhor conseguiu implementar as demandas populares por democracia e liberdade, mas o processo de transição para a democracia requer tempo para que seu amadurecimento seja absorvido tanto pela sociedade quanto para o Estado e suas instituições. O país passou por períodos de grande instabilidade, mas "o partido mais religioso Enhada e os partidos mais seculares chegaram a um acordo para uma Constituição liberal para padrões do mundo árabe. Está em uma transição para a democracia" (CHACRA, 2014). Nessa nova Constituição podem ser destacados alguns pontos,

A *sharia* não é mencionada nem sequer como princípio inspirador das leis (como acontece no Egito), mas o islamismo é considerado a religião do Estado. Outros artigos abordando questões religiosas não são muito claros. Podem comportar diversas interpretações, algumas são em favor do islamismo, embora pouco significativas. Garante-se os direitos à educação e saúde grátis, a liberdade de imprensa e de expressão da opinião. A igualdade entre os sexos é preservada. Há uma nítida divisão entre os poderes. A tortura é considerada crime e taxativamente proibida. Além dessas conquistas, todas as demais garantias dos direitos individuais são consagradas pela Constituição da Tunísia. (EÇA, 2014)

Em entrevista concedida para o jornalista brasileiro Sandro Fernandes em Janeiro de 2016, um engenheiro tunisiano identificado como WifekBesbes, agrônomo, 28 anos, que diz que lutou nas manifestações destaca que "Ainda somos o único país onde as revoltas árabes [Primavera Árabe, SIC] tiveram um certo êxito."

Já a Líbia encontra-se mergulhada na pior guerra civil, "no país uma revolução apoiada pelo Ocidente derrubou o ditador Gadafi. Em seguida, o caos instaurou-se no país, milícias armadas pelo Ocidente dominam regiões inteiras, prendem e matam rivais e rejeitam o governo central." (EÇA, 2014). A Líbia foi o país que sofreu maior pressão internacional e ajuda financeira para a saída do ditador Gadafi. Para o Egito e a Tunísia as redes sociais foram importantes para o compartilhamento de informações nas manifestações, porém na Líbia a rede social teve uma menor influência.

Pela observação dos aspectos que foram analisados neste artigo, os quais evidenciam que, houve um aumento comprovado do uso das redes sociais no período da Primavera Árabe, o que levou a acreditar que as redes sociais foram utilizadas a favor da mobilização da opinião

pública internacional, os Estados, e as Instituições Internacionais. E tal aumento colaborou efetivamente na disseminação de informações sobre o que estava ocorrendo no Oriente Médio para o mundo inteiro, desencadeando assim uma compreensão internacional.

A rede social teve um papel importante nas manifestações do Egito, porém não foi o único fator a desencadear o movimento. Mesmo quando a internet foi cortada por alguns dias, manifestantes continuaram a manifestar na rua e a utilizar outros meios de propagação para continuar o enfretamento ao governo, o que fortaleceu ainda mais o movimento,

Embora significativa, as mídias sociais não eram a única força motriz da revolução. Isto ficou especialmente evidente quando os esforços do governo para enfraquecer os manifestantes 'esforços através de um apagão de comunicação de massa somente fortaleceu os manifestantes' e a determinação destes, com isso, aumentando o número de egípcios a aderir à luta. Ao ponto de que a mídia social não foi tão importante para os protestos que estavam ocorrendo, pois a maioria dos manifestantes já estavam nas ruas e foram capazes de utilizar outros recursos, mais próximos. Beaumont (2011) relatou "o que a mídia social foi substituída por – velho o suficiente- foi a analogia equivalente ao *Twitter*. Sinais portáteis mantidas no ar em manifestações dizendo onde e quando as pessoas deveriam se reunir no dia seguinte" Em outras palavras, esta revolução pode ter sido alimentada on-line, mas nunca o reservado a um meio de comunicação único. A mídia social desempenhou um papel importante durante as fases de planejamento e organização, e, portanto, durante a revolução, mas outros meios de comunicação também contribuíram. (Eltantawy, Wiest, 2011, p.1217)³¹

Espera-se que este trabalho seja um estímulo a outros acadêmicos a explorarem a complexidade do cenário internacional globalizado, principalmente as novas dimensões de uso das redes sociais. E que este material sirva como fonte para estudiosos e admiradores das Relações Internacionais entenderem o processo de transformação política organizadas pela sociedade civil que em diferentes países são capazes de se organizar por meio da Internet, e quais os desdobramentos disso para sociedade contemporânea.

Referências bibliográficas

ADLER, Emanuel. O construtivismo no estudo das relações internacionais. **Lua Nova** [online]. 1999, n.47, pp. 201-246. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n47/a11n47.pdf>>. Acesso em: 17 nov 2015.

³¹ No original: Although significant, social media clearly were not the only force driving the revolution. This became especially evident when government efforts to weaken the protesters' efforts through a mass communication blackout appeared to only strengthen the protesters' determination and increase the numbers of Egyptians joining the struggle. By that point, social media were not as critical to the protests, given that the majority of protesters were already out on the streets and able to utilize other, more proximate resources. Beaumont (2011) reported that "what social media was replaced by then—oddly enough—was the analogue equivalent of Twitter: handheld signs held aloft at demonstrations saying where and when people should gather the next day." In other words, this revolution might have been nurtured online, but it was never reserved to a single communication medium. Social media played a major role throughout the planning and organization phases, and also throughout the revolution, but other means of communication contributed as well.

ARABESQ, **Origem e desenvolvimento da língua Árabe**. [S.l.:s.n.], 2008. Disponível em <<http://www.arabesq.com.br/Principal/Cultura/CultureArticle/tabid/58/ArticleID/462/Default.aspx>>. Acesso em: 25 maio 2016.

BIJOS, Leila; SILVA, Patrícia Almeida. Análise da Primavera Árabe: um estudo de caso sobre a revolução jovem no Egito. **Revista CEJ**, Brasília, Ano XVII, n. 59, p. 58-71, jan./abr. 2013. Disponível em <<http://www.jf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/viewFile/1677/1707>> Acesso em: 26 abr. 2016.

BRUMBERG, Daniel. Democratization in the Arab World: the trap of liberalized autocracy. **Journal of Democracy**. Vol. 13, n. 4, p. 56-68, Outubro de 2002. Disponível em: <http://www.journalofdemocracy.org/sites/default/files/Dan_Brumberg.pdf> Acesso em 26 abr. 2016.

CANTON, Philip. **Social Media and the Arab Spring: an analysis of the strategic geopolitical Impact and the implications for the future**. [S.l.: s.n.], [201-?]. Disponível em <https://wikileaks.org/gifiles/attach/37/37885_SocialMediaRoleCantonFINAL.pdf>. Acesso em: 10 maio 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Paz e Terra, São Paulo, 1999.

CENTRAL Intelligence Agency. Tunisia. **The world factbook**. [S.l.], 2016. Disponível em <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ts.html>>. Acesso em: 26 maio 2016.

CHACRA, Gustavo. Três anos depois da primavera árabe, como estão os países da região?. **Guga chacra: de Beirut a Nova York**. Internacional, Nova Iorque, 2014. Disponível em <<http://internacional.estadao.com.br/blogs/gustavo-chacra/tres-anos-depois-da-primavera-arabe-como-estao-os-paises-da-regiao/>>. Acesso em 29 maio 2016.

COSTA, Sergio. Movimentos sociais, democratização e a construção de esferas públicas locais. **Revista brasileira ciência sociedade**, Out 1997, vol.12, no.35, pp. 121- 134.

EÇA, Luiz. Tunísia, onde a primavera árabe deu certo. **Olhar o mundo: política internacional por luizeça**. Disponível em <<http://www.olharomundo.com.br/tunisia-onde-primavera-arabe-deu-certo/>>. Acesso em: 29 maio 2016.

ETANTAWY, Nahed; WIEST, Julie B. **Social Media in the Egyptian Revolution: Reconsidering Resource Mobilization Theory**, International Journal of Communication 5, 2011, feature 1207-1124, University of Southern California. Disponível em <<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/1242/597>>. Acesso em 09 abril 2017.

FERNANDES, Sandro. Depois da primavera árabe, Tunísia está entre a esperança e o medo. **Extra**. Notícias, Mundo, [S.l.], 2016. Disponível em <<http://extra.globo.com/noticias/mundo/depois-da-primavera-arabe-tunisia-esta-entre-esperanca-o-medo-18399690.html>>. Acesso em: 29 maio 2016.

FRANCE, Presse. Grupo de Contato arrecada ajuda de US\$ 250 milhões para ajuda humanitária à Líbia. **Mundo**. Roma, 2011. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/05/grupo-de-contato-arrecada-us-250-milhoes-para-ajuda-humanitaria-a-libia-2.html>>. Acesso em: 28 maio 2016.

FRANGONIKOLOPOULOS, Chistos A.; CHAPSOS, Ioannis. Explaining the role na dimpact of social media in the Arab Spring. **Global Media Journal**: mediterranean edition, [S.1], outono 2012, edição 7, volume 2, pp. 11-20. Disponível em <http://globalmedia.emu.edu.tr/images/stories/ALL_ARTICLES/2012/Fall/2._Frangonikolopoulos_and_Chapsos.pdf> Acesso em: 10 maio 2016.

GERBAUDO, Paolo. **Tweets and the Streets: Social Media and Contemporary Activism**. London: Pluto Press, 2012.

HOWARD, Philip N. et. al. Opening closed regimes: what was the role of social media during the Arab Spring?. **Project on information technology and political islam**. [S.1.], 2011. Disponível em <<https://www.library.cornell.edu/colldev/mideast/Role%20of%20Social%20Media%20During%20the%20Arab%20Spring.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

JOFFÉ, George. A Primavera Árabe no Norte da África: origens e perspectivas de futuro. **Relações Internacionais**. Lisboa, n. 30, p. 85-116, junho de 2011. Dossiê: Revoltas no Norte da África e no Médio Oriente. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/ri/n30/n30a06.pdf>> Acesso em: 26 abr. 2016.

KADUSHIN, Charles. Some basic network concepts and propositions. **Understanding social networks: an introduction to social network concepts, theories and findings**. Oxford, Oxford University Press. 2004. Cap. 2, pp. 2-60

KAISER, Karl. A Política Transnacional: para uma teoria da política multinacional. In: BRAILLARD, Philippe. **Teoria das relações internacionais**. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 1990.

KANDIL, Hazem. A Revolta no Egito. Tradução de Alexandre Morales. **Novos Estudos**, São Paulo: CEBRAP, 2011, pp. 155-193. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n91/a09n91.pdf>> Acesso em: 09 abr. 2016.

LAGUNA, Eduardo. Egito e Tunísia terão mais de US\$ 6 bi do Banco Mundial. **Economia**. São Paulo, 2011. Disponível em <http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/valor/2011/05/24/egito-e-tunisia-terao-mais-us-6-bi-do-banco-mundial.jhtm>. Acesso em: 28 maio 2016.

MEDEIROS, Leonil de Servolo de. Os movimentos sociais como campo de pesquisa nas ciências humanas. **Revista mundos do trabalho**. Vol: 4, iss:7, pp. 7-31, 2012.

MOURTADA, Racha; SALEM, Fadi. Facebook usage: factors and analysis. **Arab social media report**. Dubai School of Government, Dubai, 2011. pp.1-21. Disponível em <<http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/dsg/unpan044212.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

MRD, Madar Research and Development. **Arab ICT use and social networks adoption report**. Dubai, 2012. Disponível em <<http://www.kacst.edu.sa/en/about/publications/Other%20Publications/Arab%20ICT%20Use%20Report%202012.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2016.

RECUERO, Raquel. **Mídia x rede social**. 2010. Disponível em <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/midia_x_rede_social.html>. Acesso em: 10 maio 2016.

SANTOS FILHO, Onofre. Os Movimentos Contestatórios no Oriente Médio e no Norte da África: a Tunísia é a solução?. Periódicos PUC Minas, Belo Horizonte, p. 37-58, 2013.

Estudos Internacionais: revista de relações internacionais. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/view/5159/5169>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

TARROW, Sidney & TILLY, Charles. Contentious politics and social movements. In: **The oxford hand book of comparative politics**. New York, 2009.

TETHERED. **The Economist**. Londres, 03 julho 2014. Disponível em: <<http://www.economist.com/news/briefing/21606286-failures-arab-spring-were-long-time-making-tethered-history>> Acesso em: 26 abr. 2016.

WENDT, Alexander. **Social theory of international politics**. Cambridge, Cambridge University Press, 1999.